

RESUMO EXPANDIDO

*Engajamento estético: caminhos para
a autoidentificação do professor*

Boyd White



Introdução

Este artigo destaca as conexões entre o engajamento estético e as identidades pessoais de professores em formação e em atuação. O conteúdo é baseado em disciplinas eletivas que ministrei ao longo dos anos sobre o tema da educação estética, tanto na graduação quanto na pós-graduação, na Faculdade de Educação de uma grande universidade urbana (atualmente, estou aposentado). A maioria dos alunos está matriculada em programas da Faculdade de Educação, mas alunos de outras disciplinas ocasionalmente também se matriculam nessas disciplinas. Normalmente, os alunos têm pouca ou nenhuma experiência em arte ou educação artística. Não há pré-requisitos para o curso. As únicas condições para participação são: mente aberta, disposição para compartilhar experiências e disposição para experimentar uma escrita evocativa que tente capturar a natureza dos encontros dos alunos com as obras de arte de sua escolha. Em outras palavras, embora o engajamento estético possa ocorrer em muitas situações, usamos obras de arte de museus locais como trampolim para o estudo.

Desenvolvimento

O artigo está dividido em duas partes. A primeira parte fornece uma visão geral dos termos e conceitos associados à estética, como a distinção entre experiência estética e não estética, e enfatiza o "engajamento" em detrimento da "experiência". O engajamento implica escolha, um envolvimento deliberado; a experiência, por outro lado, pode ser voluntária ou involuntária. Além disso, o artigo propõe a integração de cursos sobre engajamento estético na educação pública, como preparação e participação no que Maxine Greene chamou de "estado desperto". Greene considera esse estado de espírito importante para combater as ações mais ou menos irrefletidas que, em geral, ocupam nosso cotidiano. De uma perspectiva educacional, o despertar implica uma compreensão do lugar da imaginação, da empatia e do discernimento de valores, bem como do dever moral dos professores. Cada um desses conceitos é discutido separadamente e em conjunto. É nesta seção

que os vínculos entre a identidade pessoal do professor e o engajamento estético começam a emergir.

Além do conceito de mente aberta de Greene, dois outros conceitos fundamentam as direções adotadas neste artigo. O primeiro é a posição de Parker Palmer de que a identidade e o autoconhecimento são pré-requisitos para conhecer os alunos – seus eus em evolução em todas as suas manifestações – bem como para estabelecer uma conexão pessoal significativa com a(s) disciplina(s) ensinada(s). Por outro lado, Seamus Heaney observou que as pessoas são caçadoras e coletoras de valores. Nossos valores se tornam evidentes em nossa busca por identidade pessoal. A primeira parte conclui que o engajamento estético, embora possa fazer parte de uma atividade em grupo, é, em última análise, vivenciado individualmente. O dever dos professores, portanto, é compartilhar conhecimento e experiência. O desafio, então, é encontrar maneiras de transitar do privado para o público. Uma maneira de fazer isso é expressar por escrito o que se vivenciou em privado. A segunda parte apresenta duas estratégias para iniciar a escrita. A ênfase dessas estratégias está em "mostrar" em vez de "contar". Em outras palavras, embora grande parte da escrita acadêmica, desde escolas públicas até universidades, tenda a se concentrar na forma do ensaio escrito, a escrita proposta aqui pode ser consciente e reflexiva, mas com maior ênfase no tema. Este documento enfatiza a experiência do espectador, ao mesmo tempo em que o incentiva a permanecer fiel à obra de arte escolhida. Em outras palavras, o espectador é encorajado a se basear no que pode ser visto e ilustrado na obra de arte para justificar as interpretações que se seguem. Ao mesmo tempo, essas interpretações devem capturar o conteúdo pessoal do encontro — isto é, as respostas, na forma de emoções, memórias, reflexões, perguntas etc., que a obra de arte suscitou no espectador. Em outras palavras, a ênfase está na escrita evocativa (mostrar), não na reportagem (contar).

Este exercício tem dois objetivos pedagógicos. O primeiro é promover o compartilhamento de experiências entre alunos e professores, e vice-versa. O segundo é permitir que os professores guiem os alunos para encontros estéticos mais amplos. Este último objetivo exige que os professores se envolvam na escrita de suas próprias respostas evocativas (e não simplesmente digam aos alunos o que fazer). O

objetivo, portanto, é capturar a ampla diversidade de respostas estéticas e, assim, ser crível em seu ensino de engajamento estético. Os exemplos apresentados neste documento pretendem, portanto, servir de guia para alunos e professores.

Os exemplos são baseados em uma obra, a pintura veneziana do século XV de Giovanni Bellini, *Saint François dans le désert* (São Francisco no deserto). Escolhi esta obra por vários motivos. Primeiro, visitei repetidamente a *Frick Collection* em Nova York, onde a pintura é uma parte importante do acervo. A pintura sempre esteve abrigada na mesma galeria relativamente pequena, cercada por outras obras famosas. Durante essas visitas, eu primeiro observava a pintura de Bellini. Em seguida, caminhava pela galeria para observar as outras obras no espaço. Por fim, retornava ao que hoje é chamado de São Francisco de Frick. Longe de ser um especialista nesta obra, ela me fascina.

Além disso, os escritos de dois eminentes acadêmicos me influenciaram: Rika Burnham e James Elkins. Burnham foi por muitos anos chefe de educação da *Frick Collection* e escreveu extensivamente sobre suas experiências ao apresentar esta obra de arte a visitantes. Elkins é um renomado historiador da arte que relatou seu primeiro contato com a pintura de Bellini na adolescência. A obra o cativou tanto que ele decidiu se tornar historiador da arte. Então, ao longo dos anos, por meio do estudo e da interação com a obra, seu conhecimento sobre ela aumentou, mas seu apego emocional a ela diminuiu. Seus escritos sobre essa evolução são a origem da minha primeira estratégia: a escrita de um poema redescoberto.

A poesia redescoberta é um trampolim útil para a escrita evocativa, pois se baseia em trabalhos escritos anteriormente. Alunos (e professores) precisam apenas escolher palavras e frases que considerem relevantes de alguma forma, mas tenham em mente a concisão poética: organizar essas palavras para capturar a essência do original e torná-lo seu por meio da escolha de palavras e combinações de repetição, espaçamento e até mesmo tamanho e estilo de fonte. No meu caso, fiquei impressionado com a dissonância expressa na mudança de perspectiva de Elkins sobre a pintura — de sua paixão adolescente à perda gradual dessa paixão com a aquisição posterior de conhecimento em história da arte. No meu poema, tentei capturar essa dissonância.

A segunda estratégia apresenta meu próprio poema com base na própria pintura, ou melhor, uma reprodução dela. Tentei combinar a observação cuidadosa com a consciência de como eu estava vivenciando essa observação. Em outras palavras, a observação trouxe à tona memórias, emoções, comparações, julgamentos e assim por diante, e tentei capturar a imediatez desses pensamentos e sentimentos por meio da escrita evocativa. Na medida em que meu poema for bem-sucedido (ou não), ele deverá proporcionar aos leitores uma maior conscientização da obra de arte — sua estrutura formal, contexto, questões e incertezas — e, ao mesmo tempo, um retrato provisório de mim mesmo como um indivíduo que também é um educador.

Conclusão

Na primeira parte deste artigo, apresentei uma breve visão geral do conceito de estética e defendi a atenção ao engajamento estético em todos os níveis de ensino como meio de aumentar a consciência sobre o mundo ao nosso redor e como essa consciência contribui para uma definição evolutiva de si mesmo, tanto para alunos quanto para professores.

Na segunda parte, descrevo estratégias para aumentar o engajamento com obras de arte por meio da escrita evocativa. Minhas tentativas de escrita evocativa, como exemplos, são trabalhos em andamento, assim como minhas interações com uma pintura. A interação com obras de arte pode e deve fomentar a incerteza, encorajar a tomada de riscos e nos levar para além de territórios familiares. Neste artigo, o território é tanto a pintura quanto o poema. Meu argumento a favor da escrita evocativa e da crítica experiencial, neste caso a poesia, baseia-se na minha convicção de que tal escrita não apenas incentiva a olhar mais além; porque a escrita privilegia uma posição subjetiva, ela também convida a uma criação contínua de autoidentidade, uma identidade que é provisória, não definitiva, e indicativa do meu eu em evolução.

Referências

BURNHAM, R; KAI-KEE, E. **Teaching in the art museum**: Interpretation as experience. The J. Paul Getty Museum, 2011. ELKINS, J. **Pictures and tears**. Routledge. 2004.

ELKINS, J. **Pictures and tears**. Routledge.

2004. ELKINS, J. **What happened to art criticism?**. Prickly Paradigm Press. 2003.

GREENE, M. **Wide-awakeness and the moral life**. In: SADOVNIK, A.R.; COOKSON, P. W.; SEMEL, S. F. COUGHLAN, R.W.(Org.). **Exploring Education: An Introduction to the Foundations of Education**. 5. ed. New York: Routledge, p. 219-224. 2017. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315408545>. Access: <https://dshutkin253.education/wp-content/uploads/2018/08/greene2018morallife.pdf>

GREENE, M. **Flunking retirement**: A chat with Maxine Greene. Teachers College. 2001. Retrieved from: <https://www.tc.columbia.edu/articles/2001/january/flunking-retirement-a-chat-with-maxine-greene/>

GREENE, M. **Releasing the imagination**: Essays on education, the arts, and social change. Jossey-Bass Publishers. 1995.

GREENE, M. How do we think about our craft? **Teachers College Record**, n.86, v.1, p.55-67. 1984.

GREENE, M. Toward wide-awakeness: An argument for the arts and humanities in education. **Teachers College Record**, n.79. v.1: p.119-125. 1977.

PALMER, P. **The courage to teach** (20th ed.). Jossey-Bass. 2020.

REDDY, S. From: "Like a very strange likeness and pink". **Poetry**, n. 224, v. 5, p. 465-470. 2024.